



**FACULDADE DE TECNOLOGIA DE AMERICANA “MINISTRO RALPH BIASI”
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM TÊXTIL E MODA**

Shirlei Aparecida Martarello

**O TECIDO CHITA NO BRASIL:
UMA VISÃO ALÉM DAS FESTAS FOLCLÓRICAS E SUA APLICAÇÃO EM
VESTUÁRIOS E ACESSÓRIOS DE MODA**

AMERICANA, SP

2022

SHIRLEI APARECIDA MARTARELLO

**O TECIDO CHITA NO BRASIL:
UMA VISÃO ALÉM DAS FESTAS FOLCLÓRICAS E SUA APLICAÇÃO EM
VESTUÁRIOS E ACESSÓRIOS DE MODA**

Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido em cumprimento à exigência curricular do Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda pelo CEETEPS/Faculdade de Tecnologia – FATEC/ Americana.

Área de concentração: Têxtil e Moda

Orientador: Prof. Ms. Daniella Romanato

AMERICANA, SP

2022

SHIRLEI APARECIDA MARTARELLO

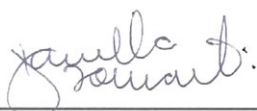
O TECIDO CHITA NO BRASIL:

Uma visão além das festas folclóricas e sua aplicação em vestuários e acessórios de moda

Trabalho de graduação apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Têxtil e Moda em 2022 pelo CEETEPS/Faculdade de Tecnologia – FATEC/ Americana.

Data de aprovação: 01/12/2022

Banca Examinadora:



Daniella Romanato (Presidente)

Mestre

Faculdade de Tecnologia de Americana, SP



Alex Paulo Siqueira Silva (Membro)

Mestre

Faculdade de Tecnologia de Americana, SP



João Batista Giordano (Membro)

Doutor

Faculdade de Tecnologia de Americana, SP

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus dois grandes amores: minha linda filha, Marina e ao meu dedicado marido, Guilherme Antônio, que sempre estão ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao criador de tudo, DEUS, por ter colocado em meu caminho seres iluminados que contribuíram e contribuem para a pessoa que sou.

Em especial aos meus pais que me educaram e que me proporcionaram tudo, principalmente a vida. Ao meu marido que está sempre ao meu lado, seja na alegria ou na tristeza, mas sempre me mimando muito. À minha filha que sempre me apoia, me incentiva e que me ajuda a entender melhor a tecnologia destes tempos.

Não posso me esquecer dos professores maravilhosos do curso Têxtil e Moda, os levarei no conhecimento e no coração. À minha dedicada orientadora, Prof. Ms. Daniella Romanato, que foi a pessoa fundamental para este trabalho ser realizado e que abraçou a causa do tecido chita, com muito conhecimento e carinho.

Aos colegas de curso, pela troca de experiências e ideias, em especial às minhas poderosas amigas: Gleyse Nazaré Barbosa e Luzia Moreira de Souza Lopes, que foram verdadeiros presentes que o curso me proporcionou e que as levarei para vida.

RESUMO

Este trabalho de conclusão do curso de têxtil e moda, tem como objetivo contar a história do tecido chita, sua importância para a cultura brasileira e sua influência no universo da moda. No decorrer do trabalho será explorado a riqueza e significado do tecido que se confunde com a história do país e que se mistura com a alma do brasileiro. Será abordado a origem do tecido chita, sua caminhada até chegar ao Brasil e como o tecido influenciou e influencia a cultura e a moda brasileira. Também será explorado a utilização do tecido chita na moda de vestuários e acessórios, incorporando-o no mercado de moda atual e quebrando o paradigma envolvendo este material que o limita à decoração, artesanato ou festas folclóricas. Pretende-se valorizar o tecido chita na moda atual, com suas características marcantes, que são únicas e peculiares com suas estampas florais e suas cores vivas, sinônimos de brasilidade.

Palavras-chaves: Tecido chita; Cultura brasileira; Moda brasileira.

ABSTRACT

This final paper for the textile and fashion course aims to tell the history of calico fabric, its importance to Brazilian culture and its influence on the fashion universe. In the course of the work, the richness and meaning of the fabric that blends with the history of the country and that mixes with the soul of the Brazilian will be explored. The origin of the calico fabric will be discussed, its journey to reach Brazil and how the fabric influenced and influences Brazilian culture and fashion. The use of calico fabric in clothing and accessories fashion will also be explored, incorporating it into the current fashion market and breaking the paradigm involving this material that limits it to decoration, crafts or folkloric parties. It is intended to value the calico fabric in current fashion, with its outstanding characteristics, which are unique and peculiar with its floral prints and its vivid colors, synonymous with Brazilianness.

Keywords: Calico fabric; Brazilian culture; Brazillian fashion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tecido de algodão indiano do fim do século XVIII impresso com prancha de madeira	13
Figura 2 - Roteiro da Chita	16
Figura 3 – Chegada de equipamentos em 1869 e sala de fiação e tecelagem da Fábrica do Cedro (s/d.)	18
Figura 4 – Amostras de chita de Alcobaça	19
Figura 5 - Chita em tela de algodão (tecelagem Fabril Mascarenhas, Alvinópolis, Minas Gerais, 2004).....	20
Figura 6 – Estampa chita e seu processo de estamparia.....	21
Figura 7 – Variação de estampas e cores da chita	21
Figura 8 – Uso de chita em festividades juninas, no maracatu e bumba meu boi.....	25
Figura 9 – Chita “mamãe Dolores” em “Direito de Nascer” e a chita usada por Gabriela	26
Figura 10 – Tropicália de Oiticica, o disco e Caetano e Gil na década de 60	27
Figura 11 – Criações de Zuzu Angel usando renda e chita.....	28
Figura 12 – Exposição “Chita Na Moda” em 2005.....	31
Figura 13 – Criações de Zuzu Angel, vestido painel semântico da coleção “Quem matou Zuzu Angel?”	33
Figura 14 – Chita na Moda, criação Rita de Goye (2005) e bolsa de Chita, criação Sônia Kiss (2005)	34
Figura 15 – Peças em chita, criada por estilistas convidados pelo Museu A Casa (2004).....	34
Figura 16 – Criações de João Pimenta (2018).....	35
Figura 17 – Coleções da Faram – Floramô de 2017 e coleção de 2022.....	37
Figura 18 – Tecido da coleção ELLA – Primavera/Verão 2016.....	40
Figura 19 – Tecido da coleção ELLA – Primavera/Verão 2016.....	40
Figura 20 – Coleção ELLA – Primavera/Verão - 2016	41
Figura 21 – Coleção “Seu Xico e Dona Chita” – Verão - 2018.....	41
Figura 22 – Peças com chita – marca Anbê.....	42
Figura 23 – Chita bordada e aplicações.....	43
Figura 24 – Combinação da chita com outros tecidos.....	43
Figura 25 – Possibilidades de modelagem chita	44

Figura 26 – Aplicação de crochê e macramê na chita.....	44
Figura 27 – Chita em brincos, colares, pulseiras.....	45
Figura 28 – Bolsas e sandália com chita.....	46
Figura 29 – Peças com inspiração na chita.....	47

SUMÁRIO

1	Introdução	11
2	A origem do tecido chita e suas finalidades	12
2.1	A chita no Brasil.....	16
2.2	Características da chita	19
3	O impacto do tecido chita na cultura brasileira.....	22
3.1	Moda Brasileira.....	28
4	Chita na moda atual	32
4.1	A chita como inspiração na moda atual	36
5	Proposta de valorização do tecido chita na moda.....	39
6	Conclusão	48
	Referências	49

1 INTRODUÇÃO

Um tecido encantador com a cara do Brasil, alegre, descontraído, tropical e leve, assim é o tecido chita.

Com muita história para contar, teve seus altos e baixos durante sua vinda para o Brasil e até se confunde com a trajetória da alma brasileira. Já foi tecido de elite, escravos e camponeses. Também é tecido de vestir, de decorar e de festejar, sendo um dos tecidos brasileiros mais comuns, com características bem-marcadas pelas estampas geralmente florais, de cores fortes e contrastantes.

O tecido chita é muito popular, representa a cultura brasileira, passou pela literatura, pelo cinema, por manifestações artísticas, vestiu e veste movimentos culturais, festas populares e tradições religiosas, porém atualmente não é muito utilizado nas vestimentas e acessórios de moda.

Apaixonada por este tecido e por sua representatividade na cultura brasileira, surge uma problemática a ser pesquisada: como utilizar o tecido chita em roupas e acessórios do cotidiano sem remeter a algo folclórico?

Como hipótese será desenvolvida formas de utilização do tecido chita em roupas através modelagens diferenciadas, aplicações de bordados e a utilização combinada com outros tipos de tecidos.

Esse trabalho tem como objetivo verificar as possibilidades de utilização do tecido chita nas roupas e acessórios, pesquisar a história do tecido e seu percurso pelo mundo, destacando-se sua influência na cultura brasileira, também será realizado um levantamento dos profissionais da moda que utilizaram ou utilizam o tecido chita em suas criações e sugerir propostas de valorização da chita na moda de vestuários e acessórios, inserindo-o no cotidiano, visto que não é um tecido valorizado neste contexto.

Para realização deste trabalho será usada a pesquisa exploratória através de levantamento bibliográfico.

2 A ORIGEM DO TECIDO CHITA E SUAS FINALIDADES

A chita é um tecido com muita história para contar. Apesar de não ter nascido no Brasil, se tornou a “cara” do nosso país tropical, como cita Chataignier (2006, p. 141), a chita “hoje tem a marca de *made in Brazil*”.

Chataignier (2006, p. 141), define a chita como “tecido de algodão com armação em tela, em geral de puro algodão e inicialmente em tom cru e depois fabricado com estamparia grande e colorida”. Este tecido com armação em tela aberta é chamado morim. Para Pezzolo (2007 apud ALVARENGA, 2015, p. 12), “Vale ressaltar que qualquer tecido com estamparia que lembre a chita, - mas que não seja feito sobre o tecido morim, não é considerado chita”. Atualmente muitos tecidos que se chamam de chita não é mais de puro algodão e nem todo pano de algodão é chita, porém qualquer tecido barato e estampado carrega o nome chita.

A definição de chita no dicionário Aurélio é, “tecido ordinário de algodão, estampado em cores”, mas Mellão e Imbroisi (2005) afirmam que o simples verbete não traduz o dia a dia do tecido, também chamado de *pano popular*, que já vestiu e veste muita gente e é tão importante para a história e para cultura brasileira.

Neste ponto é importante ressaltar que em vários artigos, quando se trata de superfície têxtil, dois termos são encontrados: pano e tecido. Segundo a Grande Enciclopédia Larousse Cultural (1998) o termo **tecido** (p. 5611) é o que se refere a “feito no tear; artigo têxtil formado pelo cruzamento de fios de trama e urdume; (...) produto da tecelagem artesanal ou industrial de fios de algodão, lã, seda, linho ou qualquer outra fibra natural, artificial ou sintética, utilizado para a confecção de roupas, artigos de uso doméstico, decoração, etc.”; já o termo **pano** (p. 4416) se refere a “tecido de algodão, linho, lã, seda, etc.; fazenda; qualquer pedaço de pano utilizado para fins domésticos: *pano de pó; pano de limpeza*”. O termo pano também se aplica a alguns significados simbólico-culturais como o pano-de-costa, por exemplo, utilizado pelas baianas.

Antes de mais nada, não se pode falar do tecido chita sem falar da fibra de algodão, que é a fibra que compõe o tecido chita e que, segundo Pezzolo (2017, p. 25), é uma das fibras naturais vegetais mais antiga cultivada, fiada e tecida pelo homem, na Índia, na Idade do Bronze, 3.000 a.C.

Ali encontramos grandes árvores em estado selvagem cuja fruta é uma lã melhor e mais bonita que a de carneiro. Os indianos utilizam essa lã de árvore para se vestir. (Heródoto, 445 a.C. referindo-se pela primeira vez, no Ocidente, à presença do algodão na Índia). (HERÓDOTO apud PEZZOLO, 2017, p. 25).

Assim, segundo Pezzolo (2017, p. 26), “os primeiros tecidos de algodão surgiram na Índia, provavelmente na cidade de Dacca, maior centro produtor da fibra no país. Na Antiguidade, a Índia comercializava seus tecidos de algodão, que chamavam a atenção por suas cores maravilhosas”.

Desta forma, de acordo com Mellão e Imbroisi (2005) e Pezzolo (2007), a história da chita teve sua origem na Índia no século XV, em que a palavra deriva do sânscrito *chintz* que significa desenho, pintura, imagem, ou seja, que quer dizer tecido estampado.

Segundo Mellão e Imbroisi (2005, p. 35), “devido à religião islâmica e hindu, os indianos não podiam timbrar em seus tecidos figuras humanas ou de animais, é por isso que a estampa chita está repleta de flores”. Já Pezzolo (2017, p. 27), comenta que diferentes culturas dominavam a Índia, tendo influenciado na criação dos seus tecidos. Pezzolo (2017, p. 27) também cita as “regiões com forte presença do islamismo, onde motivos sensuais de personagens hindus são substituídos por geométricos e caligráficos”. Com a chegada dos europeus “os motivos da arte indiana passaram a ser compostos por flores e animais ou cena iconográficas ocidentais”. Atualmente encontram-se também outros motivos como figuras geométricas, homens de neve, frutas, mas a característica mais marcante da estampa chita continua a ser as flores.

Figura 1 – Tecido de algodão indiano do fim do século XVIII impresso com prancha de madeira



Fonte: PEZZOLO, 2017, p.37 e 49.

Após a “descoberta” da Índia por Vasco da Gama (1469-1524) em 1498, Pezzolo (2017, p. 49) afirma que os portugueses não tiveram interesse em comercializar a chita, fazendo, então, a viagem da chita ser iniciada por meio da Companhia da Índias Orientais¹, que importava o tecido, juntamente com especiarias, como cravo, canela e pimenta e as comercializava pela Europa e Ásia.

Mellão e Imbroisi (2005, p. 38), também relatam que pimenta, cravo e canela, açafrão e curry, não eram os únicos sonhos da Europa quinhentista, quando conheceram o algodão estampado, vários povos europeus ficaram fascinados pelo tecido indiano.

O sucesso foi tanto que, segundo Pezzolo (2017, p. 33-34),

No século XVII, os navios ingleses, franceses e holandeses lotavam seus porões na Índia com tecidos de algodão estampados, para sedução do mercado europeu. Essas preciosidades eram disputadas a peso de ouro pela nobreza e pela alta burguesia, que os utilizava tanto na decoração, em cortinas e revestimento de paredes, como para a confecção de roupas para o dia e para a noite.

Neste sentido, Garcia (2007 apud ARAÚJO, 2017, p. 20), afirma que:

Quando a chita chegou à Europa ela se tornou um objeto de desejo pelos consumidores, além do padrão floral outra característica de apreciação no qual que deixaram muitas pessoas surpresas era na qualidade da estampa, pois não desbotava, nem apresentava uniformidades e tinha maior durabilidade da cor, esse processo ocorreu devido a uma substância feita pelos indianos chamada mordente, que era extraída de um vegetal que permitia elaborar desenhos no tecido sem que esses se misturem ao serem tingidos, lavados ou expostos ao sol, fazendo com que esse tipo de tingimento não causasse problemas no processo de desenvolvimento do tecido.

De acordo com Silva (2010, apud ARAÚJO, 2017, p. 20) “o processo de desenvolvimento da produção de estamparia dos tecidos na Índia era todo artesanal, suas cores eram extraídas de pigmentos naturais, e até urina era utilizada juntamente com o mordente” para fixação da cor ao tecido.

Mas, segundo Pezzolo (2017, p. 34),

Não eram apenas os motivos exóticos e as cores brilhantes que encantavam os europeus. Habitados aos pesados tecidos de lã e seda (cetins e chamalotes usados em cortinas e revestimento de móveis) ou ao linho de cor única, ficavam seduzidos com os “indianos” leves e com cores resistentes ao ar, à luz e às lavagens repetidas.

¹ Companhia da Índias Orientais foi uma companhia inglesa, e mais tarde britânica, em 1600, a quem a rainha Isabel I concedeu o monopólio do comércio com as “Índias orientais” por um período de 15 anos. Esta controlava a maior parte do comércio entre a região da Ásia e a Europa.

Neste sentido, a chita passou a fazer parte da sociedade europeia e se tornou objeto de desejo por muitas pessoas.

No Oriente, a estampa chita indiana passa ter valor igual ao da seda chinesa. O comércio exterior é impulsionado por esta valorização dos florais da Índia que são vendidos para Portugal e países próximos. Tanto no Ocidente quanto no Oriente, a estampa chita transforma de maneira significativa o comércio fabril. Ela não possui classe social. É produzida na Europa e na Índia e chega a substituir a seda no vestuário e na decoração. (SILVA, 2010a, p.5 apud ARAÚJO, 2017)

Pezzolo (2017, p. 52) afirma que o uso de chitas fez tanto sucesso que os tecelões ingleses de lã e de seda, em 1700, pediram a proibição de uso e de importação do tecido pintado, nome atribuído à chita, mas a proibição só aumentou o gosto pelo “indiano”. Era sinal de prestígio usar o “indiano”, tanto em decorações como em vestuários. Apesar das restrições, em 1719 circulava na Inglaterra um panfleto político que dizia: “As pessoas de classe elevada andam vestidas com os proibidos *chintz* indianos, as de classe média com algodões estampados ingleses e holandeses, e as de classe mais baixa com simples chita”.

Não demorou muito para o indiano ser intensamente comercializado, dando início as indústrias têxteis e de estamperia em toda Europa. Para Simili e Barbeiro (2016, p. 113 apud ARAÚJO, 2017, p. 23-24):

A disseminação dos tecidos indianos pelos países europeus proporcionou diferentes interpretações e variações. Na França no século XVII, surge um descendente da chita indiana, um tecido leve e florido conhecido como Provençal, por ter origem na região de Provence, caracterizando as sedas, brocados e algodões com delicadas estampas de flores. A Inglaterra não só aperfeiçoou seus padrões, como também aprimorou técnicas e máquinas, desenvolvendo novos motivos botânicos de inspiração asiática, com flores e folhagens miúdas, dando origem a outro descendente da chita, o Liberty inglês. Em Portugal, o tecido ficou conhecido como “pintado” e surgiu também uma variante, a “Chita de Alcobaça”, que até hoje é produzida. Com estampas florais predominantes, porém, existem figuras humanas, animais e frutos, em diferentes cores, divididas por listras largas formando as molduras características do tecido. As peças são feitas nas dimensões de colchas ou lenços, e até hoje é possível identificar a inspiração indiana original, mesmo com a estilização dos motivos orientais e a utilização de cores diferentes.

“Em mais de 500 anos de história, a chita foi amada, desprezada, esquecida e lembrada. Foi objeto de desejo das elites europeias, para as crianças usarem nos momentos de lazer, também foi roupa de trabalhadores e escravos” (LIANA, 2015 apud ARAÚJO, 2017, p. 19).

2.1 A chita no Brasil

Segundo Pezzolo (2017, p. 47), quando os navegantes portugueses chegaram ao Brasil, por volta de 1519, encontraram o algodão selvagem que já era utilizado pelos índios, assim como cita Mellão e Imbroisi (2005 apud BARBEIRO, 2018, p. 30), que antes mesmo da chegada dos portugueses ao Brasil o algodão já era usado nas Américas, os povos que aqui viviam “teciam algodões estampados em tons de vermelho, amarelo, azul, verde e preto”. “O próprio algodão, matéria prima de todas as chitas, já era produzido pelos índios quando Cabral aportou na Bahia, eles o fiavam, teciam e tingiam com pau-brasil, anileira e outras plantas, para ser usado em redes e faixas”.

Não dá para falar da trajetória do tecido chita no Brasil sem contar a própria história do país. Elas se misturam e se entrelaçam o todo tempo.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil trouxeram em suas bagagens o tecido colorido.

A indústria da estamperia se destacou em Portugal, nos séculos XVIII e XIX e boa parte destas mercadorias tinha como destino suas colônias, principalmente para o Brasil.

De acordo com Pezzolo (2017, p. 52), os “panos da Índia que chegavam ao Brasil eram destinados ao consumo interno ou reenviados para África” como moeda de troca no tráfico de escravos. Mellão e Imbroisi (2005) relatam este roteiro da chita.

Figura 2 - Roteiro da Chita



Fonte: Mellão e Imbroisi, 2005, p. 39.

Pezzolo (2017, p. 48) conta que, durante o século XVIII, percebendo que o clima no Brasil era propício à cultura do algodão, os portugueses introduziram as espécies do Oriente, tomando grande impulso no país, principalmente nos estados do Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco e Bahia. Para trabalharem na lavoura, foram trazidos os escravos africanos.

Neste período, quando os europeus vieram morar no Brasil colônia, perceberam que o clima era extremamente quente e necessitavam de outros tipos de vestimentas, visto que as que trouxeram eram pesadas, quentes e difíceis de serem lavadas, estes foram os principais motivos para simplificar as vestimentas, de acordo com Barbeiro (2018, p. 30).

Assim, a chita vestia escravos, operários e colonos em virtude do baixo preço, mas também, por ser um tecido leve e adequado ao nosso clima.

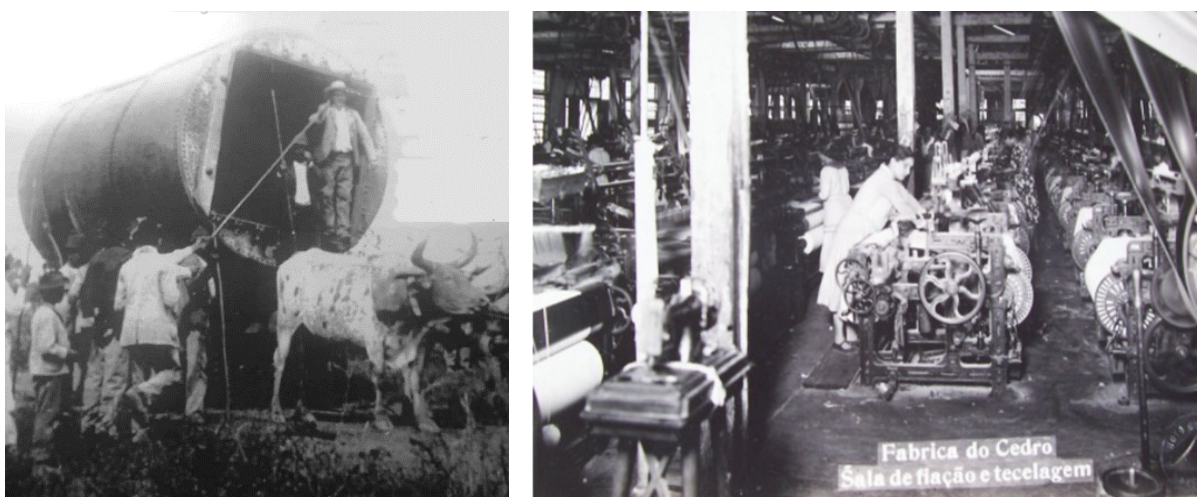
Por volta de 1777, Pezzolo (2017, p. 52) afirma que “o mercado brasileiro garantia o escoamento de grande parte da produção portuguesa. Entretanto, a cultura do algodão, que prosperava no nordeste do Brasil, começou alimentar a industrialização da chita, principalmente no estado de Minas Gerais”.

Também foi em Minas Gerais que as camadas mais pobres da sociedade se concentraram por causa do desenvolvimento da mineração. A demanda pela chita aumentou, por ser um tecido barato e adequado ao clima, fazendo com que os teares domésticos se encarregassem da produção. Fiar e tecer eram tarefas comuns e que faziam parte da rotina em muitos lares. Nas casas mineiras, especialmente, era comum a presença da roda de fiar e de um tear de madeira para a produção de colchas e roupas para família. A tradição trazida pelos colonizadores portugueses convivía com criações próprias. Roupas tecidas em algodão e lã eram usadas tanto no trabalho diário no campo como em ocasiões festivas. (PEZZOLO, 2017, p. 53)

Ainda de acordo com Pezzolo, (p. 53), a produção de tecido de algodão estava crescendo e mostrava ser um futuro promissor, porém em 1785 ocorreu um decreto português que proibiu a criação de manufaturas no Brasil. Com este decreto, os portugueses “estimulavam sua própria produção e procuravam amenizar a concorrência da Inglaterra, forte produtora de algodão e exportadora do tecido para o Brasil via Portugal”. Somente em 1808 foi que Dom João VI abriu os portos brasileiros para as “nações amigas”, colocando um fim ao monopólio português.

Em 1869, segundo Carvalho (2022), em Minas Gerais, havia duas empresas têxteis ligadas a produção da chita, sendo que a Cedro começou fabricando tecidos mais grossos e a Cachoeira, tecidos mais finos. Em sua fundação, a Cedro teve que trazer seu maquinário em carros de boi de Juiz de Fora para a região de Curvelo, que tinha boa produção de algodão. “Foram de três a quatro meses de transporte desse maquinário”. Segundo Pezzolo (2017, p. 53-54), nesta época ocorreu “pela primeira vez a produção em larga escala da chita em nosso país”. Em 1872 houve a fusão entre elas, formando a indústria de tecidos Cedro e Cachoeira, que de acordo com a ACI (Associação Comercial e Industrial de Sete Lagoas), foi no início uma estamperia de chita e depois houve momentos em que também produziu tecidos de cama e mesa.

Figura 3 – Chegada de equipamentos em 1869 e sala de fiação e tecelagem da Fábrica do Cedro (s/d.)



Fonte: CARVALHO, 2022; LIMA, 2009, p. 158.

Mesmo com a produção brasileira, Pezzolo (2017, p. 54) afirma que em 1875, Portugal continuou aprimorando a chita com a fundação da Companhia de Fiação e Tecidos de Alcobaça, na cidade do Porto, tendo funcionado até meados do século XX. Lá as chitas tinham motivos florais e aves raras, em que uma de suas características marcantes era o uso do azul, principalmente, em tom escuro. “Os desenhos muitas vezes eram combinados, formando listras ao longo do tecido”. Desta fábrica, colchas e lenços foram trazidas para o Brasil por imigrantes portugueses, influenciando a nossa indústria na época, o que explica o elo entre as chitas brasileiras e este passado rico em detalhes, cheio de motivos florais graúdos e a exuberância do colorido, que é fabricado no país até hoje em indústrias mineiras.

Figura 4 – Amostras de chita de Alcobaça



Fonte: MELLÃO; IMBROISI, 2005, p. 54/56

2.2 Características da chita

Como já mencionado inicialmente, para ser considerado como chita precisa ser um tecido de algodão de trama aberta e estampado. Este tecido é tão popular que possui vários nomes:

- na Enciclopédia da Moda (O'HARA, 1992, p. 81) lê-se: *Chintz*, do hindi *chint*, “tecido estampado”. É um pano de algodão que adquire brilho mediante goma. Geralmente, traz desenhos de flores, frutas e pássaros, sendo popular para forrações desde a década de 1600. A princípio, a maior parte do *chintz* era importada da Índia, mas, à medida que a produção aumentava no Reino Unido, os britânicos começaram a exportá-lo para a Europa. No início da década de 80, foi utilizado para fazer roupas de moda;
- em Chataignier (2006, p. 141) lê-se: *Chintz*, tecido de algodão, originário da Índia, que pode ser leve para vestuário – ou pesado, para decoração. Recebe um tratamento que lhe proporciona brilho e também um efeito glaçado e até mesmo impermeável, quando se destina a forrações de móveis para jardim.

Após um tempo surgiu suas variações como a chitinha e o chitão. Sempre com características tropicais, motivos florais vibrantes, cores vivas, contrastante e sempre com contornos em preto.

Figura 5 - Chita em tela de algodão (tecelagem Fabril Mascarenhas, Alvinópolis, Minas Gerais, 2004)



Fonte: Mellão e Imbroisi, 2005, p. 29.

Silva (2011, p. 77) também comenta que a estampa chita tem como elemento principal a flor, que é encontrada no planeta todo e que tem vida própria. “Quando os indianos, os astecas e os maias colocaram cores com simbologias tão fortes na forma flor, ela adquiriu consonância que fez com que o brasileiro a visse como ícone”. Já a cor pode transmitir o estado de espírito das pessoas, reflete e infere no íntimo, e que conforme a cor que a pessoa está usando pode trazer informações de seu temperamento, “sendo capaz de proporcionar alegria, depressão ou saciedade”.

As características de suas estampas, geralmente florais, tem como base as “cores primárias e secundárias em massas chapadas que cobrem totalmente a trama, tons vivos, grafite delineando os desenhos e a predominância de uma cor”, conforme comenta Alvarenga (2015, p. 13). Para o autor, “as cores intensas servem para embelezar os tecidos, mas também para disfarçar suas irregularidades, tendo em vista que durante o processo de criação, podem acontecer eventuais aberturas e imperfeições”.

Segundo Silva (2010, p. 69), a estampa chita “re-presenta” uma diversidade de flores por meio de desenhos simples e arabescos bidimensionais, nem sempre sendo fiel a real característica da flor. Os traços de suas estampas um tanto irregulares e que, como disse Constanza Pascolato em entrevista a Mellão (2005, p. 134 apud SILVA, 2010, p. 69) são “jogada meio de qualquer jeito, e o resultado é um tanto ingênuo; e é isso que é bonito”. Reflete a estampa simples, não muito definida e com um *rapport* desprezioso de harmonia.

Figura 6 – Estampa chita e seu processo de estamparia



Fonte: MELLÃO; IMBROISI, 2005, p.14; GOBEL; FRAGA, 2016, p.12-13.

Como se vê na imagem anterior (figura 6), o azul, o vermelho, o amarelo e o verde, são as cores geralmente usadas nas estampas da chita. Já o branco e o preto são usados em contornos ou para dar o efeito de luz em algumas flores. Segundo Mellão (2005, p. 118 apud SILVA, 2010, p. 72), “a chita era impressa sempre em três cores. A Fabril Mascarenhas, uma das fabricantes da chita no Brasil, nunca usou mais de seis cores e chegou a ter mais de 150 estampas diferentes”. Percebe-se assim que as cores primárias, amarelo, azul e vermelho, e a secundária verde são as cores predominantes da estampa chita e que possibilitam uma vasta combinação de estampas e suas variações. Os próprios indianos também usavam estas mesmas cores extraídas de corantes naturais para colorir suas estampas.

Figura 7 – Variação de estampas e cores da chita



Fonte: Da autora, 2022.

3 O IMPACTO DO TECIDO CHITA NA CULTURA BRASILEIRA

Mas afinal, o que é cultura brasileira? Nas palavras de Hall (2006, apud ARAÚJO, 2017, p. 44) a cultura nacional é a união de símbolos e representações que transmite um enredo que influencia e organiza a concepção dos indivíduos de uma sociedade, vai além da composição e união de instituições culturais, políticas e sociais. A cultura brasileira através de sua história de conquistas e batalhas, produz memórias que unem o passado e o presente, “criando imagens que são construídas para expressar esta identidade nacional, a chita faz parte dessa composição criando símbolos e representações culturais”.

Para Simili e Barbeiro (2016, p. 120) a identidade cultural nacional é uma “percepção de um grupo acerca de si mesmo, de sua história, de seu destino e de suas possibilidades, refletindo na sua forma de vida”.

O autor, Luz Garcia Neira (2012, p. 13 apud SIMILI; BARBEIRO, 2016 p. 121) comenta que: “[...] os tecidos floridos e coloridos de algodão também são signos de uma brasilidade associada ao ambiente tropical e a alegria do nosso povo, considerada, muitas vezes, o caráter que nos identifica”.

Conforme Ortiz (1985, apud SIMILI; BARBEIRO, 2016 p. 122), “no Brasil, natureza e nação estão indissolivelmente ligadas. A identidade nacional está mais ancorada na natureza do que na história. Há um sentimento generalizado que se orgulha mais da natureza, das belezas naturais, do meio ambiente, do que da história”.

A união de diversas culturas e nações contribuíram para uma identidade cultural brasileira, com a influência de multiculturas, em um país com o tamanho de um continente, fica praticamente impossível falar de uma única identidade. Segundo Renato Ortiz (1985, apud SIMILI; BARBEIRO, 2016 p. 120), “a identidade cultural brasileira está intimamente ligada ao conceito de mestiçagem, ou seja, de misturas raciais e culturais. Essa mescla formaria nossos próprios traços identitários, que se caracterizam no próprio elemento de diversidade”.

Assim, podemos definir a cultura brasileira como provinda de diversas origens, “Ela decorre do sincretismo de diferentes manifestações que hoje podemos identificar como caracteristicamente brasileiras, traduzindo-se num sentido que, embora nacional, tem peculiaridades regionais” (ORTIZ, 1985, p. 93, apud SIMILI; BARBEIRO, 2016, p. 121).

As influências e representações culturais surgiram com a vinda dos colonizadores portugueses para o Brasil, trouxeram em suas bagagens o tecido chita e tiveram que se adaptar as suas vidas em um país tropical, com muito sol, calor, chuva, unidade, flores, plantas e pássaros. Segundo Chataignier (2010 apud BARBEIRO, 2018, p. 30), “os caminhos que levavam até as suas casas, o calor de um país tropical, a dificuldade de lavar suas vestimentas e mantê-las limpas, foram um dos principais motivos para surgir a simplificação das roupas de moda”. As roupas, geralmente, eram na cor preta e marrom, pois apareciam menos a sujeira, depois, com surgimento das cidades e com a ampliação da produção de tecidos de algodão, principalmente o estampado, a chita ganhou espaço no vestuário. Lentamente, os trajes europeus começaram a se adequar ao novo ambiente, e ficaram mais despojados para um clima tropical brasileiro. A fauna e flora brasileira, com abundância de frutos, tintas, cores e texturas, surgiram aos poucos e influenciaram no que viria a ser no século XVII, o início do figurino nacional, uma forma brasileira de vestir.

Barbeiro, (2018, p. 87), que os escravos que foram trazidos da África para o Brasil através do tráfico negreiro, foram forçados a deixarem para trás sua nação e sua cultura, assim, vieram sem vestimentas características, apenas trapos cobriam seus corpos quando aqui desembarcaram, tendo como opção a chita colorida que, de alguma forma, remetia às estampas coloridas africanas. O algodão brasileiro foi muito utilizado nesta época, era usado em vestimentas para escravos, como também na produção de peças têxteis para uso domésticos, nas classes superiores. Segundo Silva (2010; apud BARBEIRO, 2018, p. 31), a partir do fato de que a chita passou a vestir os escravos, ela ganhou os adjetivos de “tecido dos desvalidos”, “tecido de qualidade inferior” ou “tecido barato”, e estes significados acabaram permanecendo ao longo do tempo, e qualificou a chita como “pano popular”.

Com a abolição da escravatura em 1888 houve uma grande demanda de trabalhadores assalariados, principalmente imigrantes italianos que vinham para o Brasil para trabalharem nas lavouras de café. No entanto, esses imigrantes preferiam vestir-se com as roupas de seu país de origem, fossem ou não adequadas à nova terra. Além disso, esses novos habitantes não queriam identificar-se como uma classe pobre, ex-escravos, populações rurais, que usavam o algodão, dessa forma, a chita nesse período permaneceu restrita ao “povo brasileiro”. (MELLÃO; IMBROISI, 2005, p. 86)

Segundo Mellão e Imbroisi (2005, p. 105), o Brasil viveu uma fase próspera nas décadas do século XX, graças às inovações técnicas que facilitavam o crescimento de novas indústrias, inclusive as têxteis. Neste período, devido a Primeira Guerra Mundial em que as importações de produtos manufaturados foram suspensas, o Brasil aproveitou para explorar a sua capacidade produtiva, conseguindo abastecer o mercado interno e aumentando as exportações, o que foi muito favorável para a produção industrial brasileira. Assim, aos poucos, o país passou a ocupar lugar de destaque no comércio internacional de produtos manufaturados, e ao final da guerra “a indústria têxtil nacional já fornecia 85% dos tecidos de algodão consumidos internamente”.

A chita no decorrer da história do Brasil se popularizou e a própria mistura de raças, culturas e credos deram significados ao tecido. “Nossas festas descendem do sincretismo e miscigenação que faz a cara de nosso país: influências europeias – predominantemente portuguesas –, indígenas e negras se misturam sem o menor pudor ou cerimônia.” (MELLÃO; IMBROSI, 2005, p. 145).

A chita se faz presente em vários momentos culturais, transita entre a tradição e modernidade sendo considerado um ícone de identidade nacional, destaca Simili e Barbeiro (2016 apud ARAÚJO, 2017 p. 22).

Na visão de Liana (2015, p. 2667 apud ARAÚJO, 2017, p. 23), “escritura visual da chita conta e reconta a história da cultura brasileira. No Brasil, a chita é um tecido que ‘cobre’ qualquer coisa, qualquer pessoa, de qualquer classe social, independente de etnia, credo, gênero e idade”.

Segundo Araújo (2017, p. 23), presente em diversos momentos culturais ou não, a chita transmite através de suas estampas e cores uma popularidade que veste todos, seja criança, adulto ou idoso, sem levar em consideração questões econômicas ou sociais. “A chita traz um bem-estar para as pessoas quando inserida em determinado ambiente, apresentando uma linguagem não verbal que ultrapassa as barreiras de comunicação, na qual a chita por si só, não precisa falar nada porque ela simplesmente estampa por onde passa”.

Simili e Barbeiro (2016, p. 119) comenta que a chita faz parte de vários festejos religiosos e folclóricos, como, por exemplo, nas festas juninas nos vestidinhos coloridos usados para dançar a quadrilha, ou para encenar a lenda do bumba-meu-boi e a folia de reis. Na festa mais popular do Brasil, o carnaval, a chita também aparece colorindo as passarelas, bloquinhos e festas de ruas, estando presente no maracatu, festejo religioso que representa a permanência e resistência da cultura africana.

Figura 8 – Uso de chita em festividades juninas, no maracatu e bumba meu boi



Fonte: ALVARENGA, 2015, p. 20; ARAÚJO, 2017, p. 30.

Tais festividades representam a miscigenação de várias culturas, a chita é o ícone que melhor traduz o significado de brasilidade presente nestas celebrações folclóricas. Aparecendo em todos os cantos, não importa o lugar em que esteja ela simboliza a alegria, a simplicidade e a sensualidade brasileira. Metaforiza o ambiente aconchegante que só o brasileiro pode produzir. O floral atrai, o colorido vibra. (SIMILI; BARBEIRO, 2016, p. 119)

Mellão e Imbroisi (2005, p. 21 apud ALVARENGA, 2015, p. 15) “afirmam ver na chita e na alegria descarada da combinação de suas cores e das misturas descontroladas de estampas, a alegria genuína do povo brasileiro que viveu história de castigo, festa, trabalho e arte”.

Para Silva (2011, p. 77), “Quando a estampa chita aparece usada para vestir as pessoas em festejos religiosos, ela reflete alegria, como se quisesse dizer que é época de comemorar”. Assim ela conclui que a estampa chita é mitológica e possui o significado de ícone de brasilidade, já que a percepção visual do tecido se mescla com à necessidade interior do povo brasileiro.

A chita foi ganhando popularidade e influenciou a literatura brasileira, como afirma Silva (2010 apud ALVARENGA, 2015), “Maria, Gabriela, Macabéa e Capitú, personagens de algumas das obras mais importantes da literatura brasileira, foram vestidas de chita por seus criadores”. Os autores clássicos como Machado de Assis, Jorge Amado e Clarice Lispector, identificaram na chita, a representação da mulher brasileira, sendo, então, um verdadeiro símbolo de brasilidade.

Para Araújo (2017, p. 32), o tecido chita acompanhou diversos acontecimentos históricos no país devido aos meios de comunicação (rádio, revistas, jornais, televisão), que com um apelo midiático, “trouxe para a chita maior visibilidade, aparecendo nos principais programas e novelas no início da TV brasileira, passando, então, a desfilas nas passarelas e ser inserida na indústria da moda e da música”.

Com chegada da televisão ao Brasil em 1950, a influência na moda e na cultura fica evidente, Mellão e Imbroisi (2005 apud SIMILI; BARBEIRO, 2016, p. 116), comentam que neste período surge o “apelido de chita “mamãe Dolores”, para as chitinhas de estampa floral miúda, inspiradas na personagem de mesmo nome da novela de Direito de Nascer” (1964-1965), da extinta TV Tupi. Não demorou muito para a produção ser intensificada pelas fábricas de tecidos e assim a chita (tecido com largura padrão e flores grandes), a chitinha (estampada com flores pequenas) e o chitão (tecido de largura superior ao tamanho padrão e com flores grandes) foram amplamente comercializadas, sempre com preços baixos, já que são tecidos simples.

Assim, segundo Alvarenga (2015, p. 14), foi nos anos 50 que a chita conquistou as classes mais altas, passando a ser vista como objeto de consumo e ganhando espaço no mundo da moda.

Chataignier (2006, p. 141) afirma que a chita “utilizada em fantasias de caipira, tornou-se moda na década de 1970”. Uma das fontes de inspiração para este fato foi a novela “Gabriela cravo e canela”, inspirada na obra de Jorge Amado, que estreou em 1975 pela TV Globo. Mellão e Imbroisi (2005, p. 171), comenta que para a consultora de moda Glória Kalil, foi no corpo de Sônia Braga, protagonista da novela, que o vestidinho de chita passou a ser o uniforme da brasileira: “Se existe uma coisa que se pode chamar de moda brasileira, é o tubinho de chita de Gabriela, que foi usado por todas as mulheres do país nos anos 70”.

Figura 9 – Chita “mamãe Dolores” em “Direito de Nascer” e a chita usada por Gabriela



Fonte: ARAÚJO, 2017, p. 33.

Outro fator histórico que deu visibilidade para a chita foi o movimento da “Tropicália”, que ficou famoso no campo da música através, principalmente, de Caetano Veloso e Gilberto Gil com suas roupas extravagantes estampadas. A relação da chita com este movimento está em sua origem, fruto das experiências de Hélio Oiticica com a comunidade da Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira, no Rio de Janeiro, em que expôs uma obra na mostra “Nova Objetividade Brasileira”, realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ), em abril de 1967. Segundo a Enciclopédia Itaú Cultural (2017), “a obra pode ser descrita como um ambiente labiríntico composto de dois Penetráveis, “PN2 (1966) - Pureza É um Mito”, e “PN3 (1966-1967) – Imagético”, associados a plantas, areia, araras, poemas-objetos, capas de Parangolé e um aparelho de televisão”. Devido ao cenário criado, a obra faz nascer o termo Tropicália. Como descreve o artista:

O ambiente criado era obviamente tropical, como num fundo de chácara e, o mais importante, havia a sensação de que se estaria de novo pisando na terra. Esta sensação sentira eu anteriormente ao caminhar pelos morros, pela favela, e mesmo o percurso de entrar, sair, dobrar pelas 'quebradas' de tropicália, lembra muito as caminhadas pelo morro.

Com isso, em 1968, com a prisão e exílio de Caetano Veloso e Gilberto Gil, o tecido chita passou a ser visto e entendido como uma provocação aos anos sombrios de ditadura. “As roupas de chitão eram a cara do movimento hippie e o oposto do ufanismo e da repressão militar” (MELLÃO; IMBROISI, 2005, p.124).

Figura 10 – Tropicália de Oiticica, o disco e Caetano e Gil na década de 60



Fonte: CRISCUOLO, 2021.

“A chita no corpo e no cenário dos movimentos artísticos e revolucionários, em plena vitória de repressão, era uma assinatura da alma brasileira, um desafio, quase um descaramento” (MELLÃO; IMBROISI, 2005, p. 127).

3.1 Moda Brasileira

Mellão e Imbroisi (2005, p. 171), diz que de tempos em tempos, a chita ganha espaços em passarelas, galerias de arte, vitrines e palcos, quando estilistas, artistas plásticos, designers e outros criadores redescobrem estas estampas e as incorporam a suas produções.

Agora, especificamente sobre a chita na moda, de acordo com Simili e Pinguello (2015, p. 177), “na década de 1960, enquanto a moda brasileira seguia os padrões europeus, Zuzu Angel proclamava, entre chitas e rendas, “eu sou a moda brasileira””, valorizando, de fato, as mulheres brasileiras, “sejam as que teciam renda no nordeste, as que se vestiam de chita ou as que bordavam e costuravam em suas casas” (p. 194).

Segundo Liana (2015 apud ARAÚJO, 2017, p. 36), no início de sua carreira em 1957, devido a dificuldades financeiras, a estilista passou a fazer “peças sob encomenda para um pequeno grupo de clientes da classe alta e começou confeccionando saias com o tecido da chita”. Para a autora, a estilista “encontrou na chita uma maneira de ganhar dinheiro produzindo as peças com um tecido de baixo custo”, transferindo, então, “a chita da pobreza para riqueza, ganhando as passarelas e se tornando destaque no mundo da moda”.

A estilista foi pioneira ao lançar o prêt-à-porter no Brasil. Na época somente existiam confecções industriais, costureiras de bairros e a alta-costura que era para poucos. Ela democratizou a moda, usou muita chita e referências culturais em suas criações, conseguindo divulgar e vender seu trabalho no Brasil e nos Estados Unidos, como afirma Mellão e Imbroisi (2005, p. 171).

Figura 11 – Criações de Zuzu Angel usando renda e chita



Fonte: ARAÚJO, 2017, p. 37

Nos anos 70 e 80 o chitão também marcou presença nas criações dos estilistas Sônia Gallotti e Antônio Bernardo, as peças como calças, blazers, vestidos e biquínis, coloriam as ruas da Zona Sul carioca. E em 1979 a chita se faz presente novamente em manifestação política para protestar contra o desaparecimento de presos políticos, através de um desfile, realizado pela estilista, nos Arcos da Lapa - Rio de Janeiro, onde as modelos ao final do desfile, despiam suas peças de chitão e ficavam nuas. (MELLÃO; IMBROISI, 2005, p. 177).

Com a chegada da década de 80, a chita sai da cena do mundo fashion e apenas alguns estilistas viriam a utilizá-la, mas com menos intensidade.

Neste período pode-se destacar o estilista mineiro Ronaldo Fraga, que, assim como Zuzu Angel, sempre trabalhou com base na cultura brasileira, como afirma Simili e Barbeiro (2016, p. 110), “celebrando uma interpretação particular das obras de grandes ícones da música, literatura, arte e de outras manifestações artísticas e culturais”. Ele valoriza as suas origens por meio da produção de moda e procura inspirações em sua infância no interior de Minas Gerais, onde o tecido chita ainda é fabricado, e que, por suas mãos, em suas criações, o tecido chita é levado para o mundo fashion.

Neste contexto, surge uma pergunta, mas afinal, o que é moda brasileira?

No documentário “História da Moda no Brasil” (Parte 1) (2010) vários estilistas dão suas opiniões que podem responder à pergunta feita:

- Tufi Duck diz que é *“confuso quando se fala em moda brasileira, pois a moda não tem pátria. O que existe é moda de influência do Brasil, moda criada por estilistas brasileiros, moda inspirada pelo país, seja por nossa cultura, nossos materiais, literatura, história, por coisas que acontecem no dia a dia, no cotidiano, coisas que se vê e que te influencia o tempo inteiro”*. *“Eu ponho samba, carnaval, Maria Bonita, Lampião, o cangaço, a cultura do pantanal, das nossas praias, eu tenho orgulho de falar que já fiz todas estas buscas inspiracionais do Brasil. Hoje todo mundo fala da nossa tropicalidade, nosso colorido, nossa sensualidade. Eu sinto bastante orgulho em dizer que sou pioneiro nisso, me sinto orgulhoso em dizer que faço parte da história da moda no Brasil”*;

- Ronaldo Fraga diz que *“até os anos 80 a identidade era discutida, observada do grupo para o indivíduo, hoje eu acho que é ao contrário, a identidade do mundo moderno parte do indivíduo para você tentar entender o grupo.” Pensar que o carioca se veste como Isabela Capeto o faz, ou como o paulista como o Alexandre Herchcovitch faz, ou o cearense com o Lino Villaventura faz? Eu acho que não é isso, acho que são olhares individuais sobre uma cultura muito maior”;*
- Alexandre Herchcovitch considera que a moda dele é brasileira *“só pelo fato de ter nascido aqui. Ou seja, a brasilidade, a minha vivência, eu por exemplo moro aqui há 36 anos, eu nasci aqui, na minha cabeça eu tenho recordações brasileiras, então minha moda já tem um resultado brasileiro porque está sendo feita aqui, porque eu sou brasileiro”;*
- Walter Rodrigues também concorda que *“a moda brasileira vai existir porque ela é feita por brasileiros, não porque ela usa elementos folclóricos ou culturais, não há necessidade disto”.*
- Paulo Borges, fundador e diretor criativo da São Paulo Fashion Week, *“existe um bem cultural que ele é de origem brasileira, mas não é propriedade nem sua e nem minha, qualquer um pode usar”;*
- A consultora de moda Gloria Kalil afirma que a *“moda é uma coisa contemporânea e que muda o tempo todo. É muito difícil dizer que tem uma moda brasileira, mas agora dizer que tem um estilo brasileiro, isso não tenha dúvida. Há uma maneira brasileira de selecionar, de misturar cores, sempre mais justos, mais curto, mais pelado que os outros, tem um colorido, que precisamos ficar atentos porque são itens que temos que contar a favor e não contra, mas dizer que um dia iremos criar uma identidade de moda brasileira, isto não existe. Aliás qual a identidade da moda francesa?”.*

Em outro documentário, “A história de Clodovil e Zuzu Angel” (2015), também tem depoimentos que responde à pergunta do que é a moda brasileira:

- Hildegard Angel, filha de Zuzu Angel, cometa que a mãe *“achava lindo ver as mulheres de classe média usando os seus vestidos. Era a moda que libertava as formas femininas, isso também ela transgrediu e foi*

pouco a pouco impondo novas ideias". *"Era apaixonada pelo Brasil porque conseguia ver a beleza nas coisas brasileiras, achava bonita a simplicidade"*. Ela *"se inspirou no tropicalismo e levou a moda brasileira para as vitrines internacionais"*;

- Paulo Borges, fundador e diretor criativo da São Paulo Fashion Week, comenta que *"Zuzu, Dener, Clodovil, deixaram uma história, são três nomes que em seu tempo souberam falar do Brasil. Fazer moda falando de Brasil, sem ser caricato, sem ser marketing, tem que ter alma, a alma faz a diferença. O que fica é o que tem alma, o resto passa como anúncio de revista"*.

Mesmo com opiniões diversas, é fato que todos estes, e outros, designers brasileiros já lançaram moda inspirada em fatos da cultura brasileira e, conseqüentemente, na chita. Isto, segundo Sad (2018, p. 29), pode ser visto na exposição "A Chita na Moda", que ocorreu no Museu da Casa Brasileira (MCB) nos dias entre 21/01/2005 a 20/02/2005. Para ela, foram convidados 11 marcas e estilistas: Amapô, André Lima, Gloria Coelho, Karlla Giroto, Madalena, Marcello Sommer, Neon, Raia de Goye, Reinaldo Lorenço, Ronaldo Fraga e Sonia Kiss, cada um com sua percepção realizou acessórios e vestuários com o tecido da chita.

Figura 12 – Exposição "Chita Na Moda" em 2005



Fonte: SAD, 2018, p. 29.

4 CHITA NA MODA ATUAL

O século XX ficou para trás e com ele o período de glória do tecido chita, a década de 1980 se encerra com a chita fora do universo da moda e das passarelas.

Conforme Melão e Imbroisi (2005, p. 138), no início dos anos 90 ocorreu a abertura de mercado brasileiro, decretado pelo presidente da época, Fernando Collor de Mello. Com a chegada dos tecidos importados, houve uma concorrência desleal, visto que os tecidos e peças de roupas tinham um custo muito barato, impactou diretamente as indústrias têxteis e principalmente as confecções com a chegada dos produtos asiáticos. Assim “a procura pela chita foi sumindo até nas festas juninas do Nordeste”, mas nem tanto pelas importações e sim alegando a “má qualidade do pano para justificar sua não-utilização, mesmo por aquelas pessoas que gostam da estampa”. Atualmente o tecido chita já não recebe o destaque que era no passado, não está disponível em grandes quantidades nas lojas e é difícil de ser encontrado. Hoje pequenas indústrias têxteis fabricam o tecido chita como a Fabril Mascarenhas e Estamparia S.A. (MELLÃO; IMBROISI, 2005, p. 136).

A globalização também teve sua contribuição para o sumiço da chita, Mellão e Imbroisi (2005, p. 138), comentam que “quem não tem condições financeiras de usar roupa importada, tecido de luxo, quer a imitação acessível. Mas não a chita, com seu passado de “pano popular””.

Somente no século XXI é que a chita ressurgiu nas criações de alguns estilistas, como é o caso do mineiro Ronaldo Fraga. Segundo Barbeiro (2018, p. 35) “em 2001 o estilista apresenta uma coleção em homenagem a grande estilista Zuzu Angel, denominada: “Quem matou Zuzu Angel?””. Na coleção Fraga faz uso da chita com estampas de pássaros e anjos, inspirada na batalha da estilista Zuzu Angel contra a ditadura militar brasileira. Abaixo o vestido da coleção (Figura13) com estampa de chitão desenvolvida por Ronaldo Fraga e produzida pela tecelagem São José, apresentada na São Paulo Fashion Week (verão de 2000).

Segundo Araújo (2017, p. 38), “Ronaldo retratou nessa coleção as lutas da estilista contra a ditadura militar e a perda de seu filho”. Assim usando a chita, se inspirou em “estampas de pássaros que se misturava com os anjos que era a marca registrada da estilista”. Para Silva (2010b, apud ARAÚJO, 2017, p. 38):

A chita começa a ser utilizada não apenas na alta moda como antigamente fazia Zuzu Angel, mas agora começa a fazer parte do pret-à-porter e passa a ser remodelada para fazer parte da cultura de massa, com novas modelagens, novas formas, novos materiais e texturas, tirando o estereótipo de tecido popular e de baixo custo, para um tecido mais “na moda” e moderno.

Figura 13 – Criações de Zuzu Angel, vestido painel semântico da coleção “Quem matou Zuzu Angel?”



Fonte: BLANC, 2014; MELLÃO; IMBROISI, 2005, p. 182; LANARO, 2013, p. 69.

Conforme Lanaro (2013, p. 69), “atualmente a chita é vista no universo da moda como a principal representante da moda e da cultura brasileira, todas as suas principais características, como cores e formas, são percebidas internacionalmente como um produto de origem brasileira”.

A história que o tecido chita carrega, a identidade e a brasilidade que ele representa, fazendo com que “ao perceber essa peculiaridade, estilistas e designers do final do século XX e início do século XXI introduzem esse material de baixo custo a algumas de suas coleções, contudo a chita ainda representa um grande material a ser explorado pela moda” (ALVARENGA, 2015, p.14).

Conforme comentado no capítulo anterior, a exposição “A Chita na Moda”, que aconteceu em 2005, trouxe um novo conceito da chita como uma tendência de moda. Além de expressar o que a chita tem de melhor na visão de alguns estilistas, a exposição também apresentou outro objetivo, “de poder dar maior visibilidade a riqueza e a diversidade cultural presente no Brasil, seja pelos estilistas brasileiros quanto pela chita como ícone de brasilidade” (A CASA, 2005 apud ARAÚJO, 2017, p. 38).

A seguir pode-se ver algumas imagens da exposição, (figura 14), com peças confeccionadas em tecido chita e com uma modelagem diferenciada proposta pelos estilistas, que segundo Sad (2018, p. 31), “desvinculava as peças criadas do rural, folclórico e carnavalesco. As bolsas abaixo, podem ser relacionadas à fauna, um dos elementos associados ao Brasil.”

Figura 14 – Chita na Moda, criação Rita de Goye (2005) e bolsa de Chita, criação Sônia Kiss (2005)



Fonte: SAD, 2018, p. 30.

Ronaldo Fraga comenta que “o sucesso do tecido vem do fato de ele representar um Brasil que a gente quis negar. Nossa identidade só vai ser construída se nos aproximarmos de todas as referências iconográficas brasileiras”. A opinião de Glória Kalil vai de encontro com o estilista quando fala, “as coisas com cara brasileira deixaram de ser encaradas como caipira. Passou a ser sofisticado ter outro olhar para isso. A chita faz parte do imaginário e está vivendo uma recuperação”. Buscando esta fase de “recuperação” a chita marca presença em algumas grifes paulistana como Sommer e Silmultânea e as cariocas Glória Paranaguá, Maria Madalena, Santa Ephigênia, Afghan e Alessa. (MELLÃO; IMBROISI, 2005, p. 178)

Figura 15 – Peças em chita, criada por estilistas convidados pelo Museu A Casa (2004)



Fonte: MELLÃO; IMBROISI, 2005, p. 180-181.

Segundo Sad (2018, p. 34), atualmente o uso do tecido chita aparece nas criações do estilista brasileiro João Pimenta, que já foi lavrador no interior de Minas Gerais e hoje é considerado “um dos mais relevantes nomes da moda brasileira”. No Brasil ele foi “pioneiro da estética *genderless*” (em inglês, quer dizer “sem gênero” ou “agênero”). No início do seu trabalho deu ênfase ao público feminino, porém percebeu um vasto mercado para o público masculino que procura uma moda menos óbvia. Sua primeira coleção 100% algodão, foi lançada para o outono/inverno 2018, e seu primeiro desfile foi de moda feminina. Nesta coleção, João Pimenta utiliza elementos com referências que não são comuns na passarela: a festa junina e o avental e tem a habilidade de transformar a roupa em algo que não remeta rural, conforme Sad (2018, p. 34).

Entre os maiores preconceitos na moda nacional com a própria cultura está o uso da chita, tecido fino de algodão estampado com flores. Também a roupa dita caipira: um xadrez de festa junina e blusas de ombros arredondados. João Pimenta em sua estreia na passarela feminina, dá uma aula de brasilidade em uma das coleções mais elegantes desta temporada. (DINIZ; MESQUITA, 2018 apud SAD, 2018, p. 34).

Assim o tecido “rejeitado” na moda, ganha destaque na passarela, nas criações do estilista João Pimenta, a chita aparece de forma única e elegante. Abaixo algumas imagens do desfile SPFW, (figura 16), coleção outono-inverno/2018.

Figura 16 – Criações de João Pimenta (2018)



Fonte: SAD, 2018, p. 35.

Infelizmente o tecido chita não é muito utilizado na atualidade no universo da moda, segundo Sad (2018, p. 37), a coleção apresentada “é uma das poucas contemporâneas encontradas que fez o uso do tecido da chita”.

Um ponto importante para destacar é o fato de o tecido chita ganhar um valor diferenciado quando estilistas renomados fazem uso do mesmo em suas criações, assim o tecido de pobre, o rejeitado, passa a ter valor. Segundo Sad (2018, p. 38) “o fato do estilista ser reconhecido no mercado de moda facilita que os usuários tenham uma maior aceitação com produtos desse gênero”.

4.1 A chita como inspiração na moda atual

Como já comentado, a chita é um ícone de brasilidade, transmite a nossa cultura e o jeito alegre do brasileiro. Também fica evidente o gosto do brasileiro pela natureza e pelas estampas que a representam, porém quando se trata do tecido chita, que é um tecido de algodão, em tela e com tramas abertas ele geralmente é desprezado. Muitas marcas se inspiram na estampa chita mas não no tecido de algodão, usando a estampa em tecidos mais nobres.

Barreiro (2018), realizou um trabalho de experiências com Chita com alunos do curso de Graduação em Design de Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina, uma das partes envolvia um questionário referente ao tecido e de acordo com as respostas obtidas, Barreiro (2018) pode concluir:

“percebemos que os estudantes consideram a chita como um tecido característico da cultura popular brasileira, pelos seus usos no Brasil, pela sua estética e por estar intimamente ligado a produções populares. Afirmam ser um tecido de grande carga cultural e de significativa importância. No entanto, desconhecem produções contemporâneas que envolvem a chita, não a adquirem, e poucos utilizariam o tecido em suas produções como designers de moda. Nesse sentido, percebemos que ao mesmo tempo em que os alunos consideram a chita emblemática para a cultura brasileira, sua própria cultura, a rejeitam enquanto tecido e visualidade representativa dos seus gostos e preferências estéticas. (Barreiro, 2018, p.78)

Nesta pesquisa fica evidente que os profissionais de moda da atualidade não utilizam o tecido em suas produções embora o considerem como importante para a cultura. A chita não representa na atualidade a importância e o significado que conquistou no século passado.

Outro ponto levantado foi o questionamento de uma aluna (apud BARBEIRO, 2018, p. 84), referente qual característica é a essência da chita: “o próprio tecido ou as suas estampas”? E complementa que “atualmente há marcas e estilistas que produzem roupas com estampa de chita, mas em outros tipos de tecidos de melhor qualidade”. Os alunos citaram marcas como Adidas e a Farm.

Araújo (2017, p.42) também comenta, “temos uma marca que trabalha com a estética da chita em seus produtos de moda é a Farm, uma empresa de vestuário carioca que tem como inspirações a fauna e flora brasileira”. Esta marca, sempre em suas coleções, faz uso de muitas estampas, muito colorido, a coleção “Floramô” apresenta as estampas das flores chita em suas peças.

Figura 17 – Coleções da Faram – Floramô de 2017 e coleção de 2022



Fonte: ARAÚJO, 2017, p. 42; FARM, 2022.

Conforme já abordado, a chita carrega um forte apelo folclórico, presente em festas juninas, danças típicas e por consequência carrega o estigma de pano para pessoas pobres. Conforme Sad (2018, p. 38), “algumas marcas e estilista utilizam a estampa desse tecido para criar uma moda contemporânea, requintada ou até mesmo para exportação”. Se apropriam desta estampa, mas não do tecido, e o estereótipo dado ao tecido chita acaba sendo esquecido quando as estampas são associadas as marcas. “Mudam os significados associados ao tecido da chita e os redefinem ao utilizá-los em suas peças”.

O termo “vanguarda”, é muito utilizado na moda e, de acordo com Crane (2005, apud SAD, 2018, p. 38), “esse termo implica em modificar os significados usuais atribuídos a itens específicos do vestuário, ou mudar os significados associados a outros tipos de objeto para redefini-los como adequados na forma de vestimenta”. Neste sentido pode-se dizer que estilistas e marcas procuram esta adequação quando utilizam a estampas em tecido de melhor qualidade, com um colorido diferenciado e até mesmo com o uso de estampas digitais.

Sad (2018, p. 38) identifica algumas marcas e estilistas que usam a chita como inspiração atribuindo um novo olhar para a estampa desse tecido. As marcas brasileiras Ídice, Saia de Chita e, a já citada Farm (Figura 17); e a estilista Lenny Nieyemaer, são algumas que utilizam a estampa chita na atualidade.

Analisando a trajetória do tecido chita na moda atual pode-se dizer que ele está sobrevivendo nas criações de poucos estilistas e marcas. As estampas inspiradas na chita são as que recebem grande destaque e estão vivas como nunca.

5 PROPOSTA DE VALORIZAÇÃO DO TECIDO CHITA NA MODA

A chita é um tecido pouco utilizado no segmento da moda atual, mas existe um universo onde ele pode ser explorado e um cenário muito favorável a seu crescimento, visto que estamos em um país tropical, e, pode-se dizer, que a maioria dos brasileiros se identificam com cores e estampas florais.

Assim, abordar a valorização da chita é entender que o tecido faz parte da nossa cultura, memória e da alma do brasileiro. É a expressão da diversidade, pluralidade das nossas regiões e propõem um novo olhar para o tecido chita e suas estampas.

O tecido chita, geralmente, não é divulgado nos cursos de moda e design, devido a um certo preconceito em utilizá-lo, seja pela história que carrega, “pano de pobre”, ou pela qualidade do material. Mesmo com essa desvalorização, a chita ganha pontos na estética, que, quando empregada adequadamente, proporciona à peça riqueza, alegria e vida. Assim é possível criar peças de vestuários e acessórios valorizando este tecido que é um ícone de brasilidade, bastando ter criatividade e utilizando materiais adequados, modelagens diferenciadas, aplicações de texturas e combinações com outros tecidos, buscando a utilização e a valorização da chita.

Na moda, o Brasil “demorou” a perceber suas riquezas, suas culturas, suas raças, suas cores e as diversidades que enriquecem os produtos nacionais. Zuzu Angel, a pioneira a usar a chita na moda, deixou uma mensagem para quem estuda ou produz moda, para que saibam usar a criatividade como meio de reaproveitar objetos e têxteis antigos, para que assim sejam valorizados os objetos que contêm uma história, que contribuem com a formação pessoal e, de maneira mais ampla, com a sociedade e o ambiente. Assim existe uma urgência em intensificar o uso do tecido chita na moda, resgatando sua história e perpetuando sua permanência neste universo, pois assim como algumas espécies da fauna e flora, o tecido pode chegar à extinção e se tornar apenas um artigo de museu.

A seguir serão exploradas as formas de utilização da chita e sugestões para valorizar este tecido, fugindo do aspecto folclórico, inserindo as peças com chita na moda casual, vestimentas e acessórios, e até mesmo a utilização em peças de alta costura.

Para que isto ocorra, o primeiro ponto a ser analisado é o tipo de coleção ou peça que se quer produzir, pois, dependendo do que se pretende, a escolha das cores das estampas pode ser primordial, deixando a peça mais formal ou mais casual.

As estampas abaixo, (figura 18), apresentam cores mais fechadas, embora permaneça o colorido e estampas, elas são mais sóbrias.

Figura 18 – Tecido da coleção ELLA – Primavera/Verão 2016



Fonte: ALVARENGA, 2015, p. 136/140

As estampas com cores mais abertas e com cores contrastantes, remetem a algo mais casual, descontraído, despojado e alegre.

Figura 19 – Tecido da coleção ELLA – Primavera/Verão 2016



Fonte: ALVARENGA, 2015, p. 136/140

No decorrer da pesquisa, identifiquei o tecido chita em diversas peças e modelagens, sendo um tecido muito versátil, porém não possui muito caimento, devido ser 100% algodão.

Para utilizá-lo é necessário fazer o processo de preparação, lavando o tecido antes de confeccionar, para tirar a goma, para ajuste do encolhimento e aplicação de amaciante para o tecido ter um caimento melhor.

Na figura 20, podemos ver algumas sugestões de uso do tecido chita, da coleção primavera/verão da marca ELLA (ALVARENGA, 2015, p. 145).

Figura 20 – Coleção ELLA – Primavera/Verão - 2016



Fonte: ALVAREGA, 2015, p. 145

O tecido foi usado também em peças de alfaiataria, sempre combinado com outros tecidos seja para dar estrutura, ou no forro ou como peça como saias, blusas ou colete. Nesta coleção fica claro que é possível usar o tecido chita sem parecer algo folclórico, atendendo perfeitamente a moda casual.

Na coleção abaixo, (figura 21), “Seu Xico e Dona Chita” (Araújo, 2017), também apresenta o uso da chita, com várias estampas e modelagens, a combinação com outros tecidos, como o linho e sarja acetinada, sobreposições da chita em tecidos naturais, detalhes em crochê, feitos à mão, criam um universo de sofisticação, peças fluídas que são representadas pelos vestidos e tops com babados, proporciona leveza, harmonia e charme, e a alfaiataria ganha modernidade.

Figura 21 – Coleção “Seu Xico e Dona Chita” – Verão - 2018



Fonte: ARAÚJO, 2017, p. 67-68

No decorrer da pesquisa também identifiquei uma marca Anbê, criada pela empresária Angela Bergo, que usa a chita em sua essência, não apenas em algumas coleções, mas que está sempre presente em suas peças. A empresária desenvolveu uma técnica de beneficiamento do tecido, confeccionando suas peças no lado do avesso, depois da peça pronta, utiliza corante para tingir novamente, aplica o fixador e o amaciante. O resultado é uma peça com aspecto estonado “desbotado”, as estampas ficam mais sóbrias, as cores ficam menos intensas, surgindo, assim, uma nova aparência, um outro jeito de usar o tecido.

Figura 22 – Peças com chita – marca Anbê



Fonte: ANBÊ, 2022.

Como proposta de valorização da chita, encontrei os bordados aplicados nas estampas do tecido, podendo ser feitos à mão, dando um toque artesanal às peças, ou industrial, em grande escala e inclusive utilizando pedrarias, proporcionando sofisticação ao tecido “barato”.

Na figura 23, pode-se ver o tecido chita bordado e perceber-se o destaque que as estampas recebem, proporcionando beleza às peças confeccionadas. Também demonstra a possibilidade de usar a chita bordada com pedrarias, aplicada em vestidos de festas, em peças de alfaiataria e até mesmo no tradicional jeans.

Figura 23 – Chita bordada e aplicações



Fonte: Da autora, 2022

Como comentado anteriormente, existe um universo a ser explorado quando se trata do tecido chita, em que outra possibilidade de utilização é a combinação com outros tecidos, sejam tecidos mais despojados como o denim ou com mais sofisticados como linho, cambraia, porém é necessário ter o cuidado para verificar as questões de encolhimento, ou até mesmo tecidos que mancham, sendo necessário realizar testes antes de sua produção. Na figura 24, pode-se ver algumas possibilidades de combinação com a chita.

Figura 24 – Combinação da chita com outros tecidos



Fonte: Da autora, 2022

As modelagens também são um grande diferencial quando se utiliza o tecido chita, pois ele transita muito bem em modelagens mais elaboradas como nas mais simples, podendo ser roupa de festa, roupa do dia a dia e roupa de praia.

Figura 25 – Possibilidades de modelagem chita



Fonte: Da autora, 2022

Além dos bordados aplicados nas estampas da chita, também verifiquei a combinação de crochê e de macramê como alternativa de proporcionar diferenciação e valorização do tecido.

Figura 26 – Aplicação de crochê e macramê na chita



Fonte: Da autora, 2022

O tecido colorido e alegre também ganha destaque quando o assunto é acessório de moda. Existem diversas maneiras de usar a chita, como em brincos, colares, pulseiras, chaveiros, bolsas diversas, cintos e até mesmo sapatos podem fazer uso do tecido descolado e eclético, basta um pedacinho do tecido para proporcionar um destaque todo especial à peça e ao look.

Assim como nas peças de vestuários, é possível bordar, utilizar crochê, combinar com outros materiais como couro, metais e outros tipos de tecidos, sempre procurando valorizar a chita, a criatividade flui e o tecido se adapta muito bem às peças.

Na figura 27, apresento algumas sugestões de uso da chita em pulseiras, brincos e colares, percebe-se que quando é utilizado com metais ou pedrarias, a peça fica mais sofisticada e a chita ganha destaque.

Figura 27 – Chita em brincos, colares, pulseiras



Fonte: Da autora, 2022

A chita também fica muito bem em bolsas, existindo diversos designs, indo de bolsas simples e até as mais sofisticadas. Para usar no dia a dia, para festas e até mesmo para ir à feira. Tudo dependerá dos materiais empregados, da modelagem, das estampas e de customizações como bordados. Embora não seja muito comum, até em sapatos e sandálias é possível a utilização da chita.

Figura 28 – Bolsas e sandália com chita



Fonte: Da autora, 2022

Séculos se passaram desde que a chita foi “descoberta”. Desde que a tecnologia surgiu, ocorreram grandes evoluções na área têxtil e estão em constantes melhorias. Durante a pesquisa deste trabalho foi possível verificar que até mesmo a estampa do tecido chita aderiu à tecnologia, em que as estampas que antes eram feitas manualmente, com poucos recursos, hoje são criadas em programas específicos de design de estampa e seus coloridos ganharam cores mais atuais, como o verde limão e o pink. A estampa da chita tem sido muito valorizada e utilizada na moda por grandes marcas e, até mesmo, na alta-costura, mas não o tecido.

O tecido simples de algodão em tela aberta, permanece com suas características originais. Muitos apontam que a qualidade do tecido contribui para que não seja utilizado nas criações de moda, pois é um tecido que não proporciona bom caimento às peças, também desbotam com facilidade.

No sentido de melhorar o tecido, e com tanta tecnologia disponível, surge como proposta a adequação do tecido, para melhorar o toque, o caimento. O investimento na área de acabamento e beneficiamento para a chita, poderá conquistar o público consumidor e principalmente os criadores de moda que são exigentes e buscam o melhor material para valorizar suas criações. A ideia não é descaracterizar o tecido e sim melhorá-lo, para a chita não cair no esquecimento.

Na figura 29, algumas peças com inspiração na estampa chita, porém em outros tecidos, em que percebe-se que as estampas são digitais.

Figura 29 – Peças com inspiração na chita



Fonte: Da autora, 2022.

6 CONCLUSÃO

Não se tem como negar que o tecido chita tem muita história para contar, tendo sido muito importante para o mundo, em que viveu momentos de glória, foi amado, desejado, imitado e até desprezado.

No Brasil ele existe desde a colonização, e sua história até se confunde com a história do país, que, durante décadas, foi ganhando espaço e se misturando à vários povos e culturas, até ganhar o sinônimo de brasilidade. Na moda nacional teve um período de grande destaque quando apareceu na televisão e quando a criatividade mágica de Zuzu Angel conseguiu valorizar e destacar a chita.

Atualmente o tecido chita é pouco lembrado quando o assunto são as roupas e acessórios de moda. Poucos estilistas utilizam o tecido em suas criações, alguns comentam que é um tecido de qualidade inferior e que não proporcionam caimento às peças. Mas suas estampas são inspirações em diversos materiais e estão vivas como nunca.

No decorrer deste trabalho houve o resgate da história do tecido chita, com sua influência na cultura e na moda brasileira, e a proposta de sua valorização, usando-o em roupas e acessórios, sem remeter ao folclórico.

A partir do trabalho exposto, fica evidente que é possível utilizar a chita em criações de moda sem parecer traje caipira ou folclórico, conseguindo assim responder a problemática levantada inicialmente de como usar o tecido chita em roupas e acessórios no cotidiano sem remeter a algo folclórico.

Foi possível verificar que as combinações da chita com outros materiais, proporciona sofisticação, criatividade e inovação. É um tecido que aceita muito bem bordados, crochê e aplicações ou combinações com outros tecidos, sem contar que a utilização da modelagem adequada faz toda diferença à peça.

Este trabalho não deve acabar aqui, ele pode ser continuado em futuras pesquisas, abordando desde o melhoramento do tecido chita, voltado para tecelagem, beneficiamento e estamparia, como também para os profissionais da moda, com produções que façam o uso do tecido de forma criativa e diferenciada, despertando um novo olhar para este símbolo de brasilidade.

Finalizo como um desafio aos profissionais da moda: usem o tecido chita em suas coleções, resgatem a história, a cultura do nosso país, pois esse tecido com cara do Brasil não pode acabar. Sim, ele pode ser melhorado, mas esquecido nunca. Não deixem a chita morrer!

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Clara Alves. Valorização do tecido chita nos produtos de vestuário de moda. Apucarana: UTFPR, 2015. Disponível em https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/5912/4/AP_CODEM_2015_2_17.pdf . Acesso em 03/07/2022.

ARAÚJO, Elvys Presley Emanuel Marcolino de. Seu Xico e Dona Chita: Coleção Casual-Chique com enaltecimento da cultura através da valorização da Chita. Caruaru: UFP, 2017. Disponível em <https://attena.ufpe.br/bitstream/123456789/31528/1/ARA%C3%9AJJO%2C%20Elvys%20Presley%20Emanuel%20Marcolino%20de.pdf> . Acesso em 03/07/2022.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE SETE LAGOAS. Recuperação da Cedro é resultado de estratégia. Disponível em <https://www.acisetelagoas.com.br/pagina7/recuperacao-da-cedro/> . Acesso em 05/10/2022.

BARBEIRO, Priscila. A chita na moda: Análise da construção de um imaginário popular brasileiro. Revista Eletrônica de Moda | Belo Horizonte | Vol.5 | nº1 |jan./jul. 2017. Disponível em <http://revista.fumec.br/index.php/achiote/article/view/5142> . Acesso em 03/07/2022

BARBEIRO, Priscila. O tecido chita como proposta de ensino nas artes visuais. Florianópolis: UDESC, 2018. Disponível em <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000056/00005687.pdf#page=28&zoom=100,72,114> . Acesso em 03/07/2022.

CARVALHO, Sandra. Cedro marca a história do setor têxtil no Brasil. 12 de julho de 2022. Disponível em <https://diariodocomercio.com.br/especial/dc-90-anos/cedro-marca-a-historia-do-setor-textil-no-brasil/> . Acesso em 05/10/2022.

CARVALHO, Sandra. Curiosidades sobre a Cedro Têxtil. 12 de julho de 2022. Disponível em <https://diariodocomercio.com.br/especial/curiosidades-sobre-a-cedro-textil/> . Acesso em 05/10/2022.

CHATAIGNIER, Gilda. Fio a fio. São Paulo: Estação das letras, 2006.

CRISCUOLO, Isaque. O que é o movimento cultural tropicalista? 28/05/2021. Disponível em <https://www.domestika.org/pt/blog/7835-o-que-e-o-movimento-cultural-tropicalista> . Acesso em 10/10/2022.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. Tropicália. 10/03/2017. Disponível em <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3741/tropicalia> . Acesso em 10/10/2022.

GOBEL, Anna; FRAGA, Ronaldo. Uma festa em cores: memórias de um tecido brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAUROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1998.

LANARO, Janaina Thais. A Estampa como meio de diferenciação e comunicação da cultura brasileira. Portugal: Universidade do Minho, 2013. Disponível em https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/27584/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Janaina%20Thais%20Lanaro_2013.pdf . Acesso em 03/07/2022.

LIMA, Junia de Souza. De meninas fiandeiras a mulheres operárias: a inserção da mão-de-obra feminina na companhia de fiação e tecidos Cedro e Cachoeira (1872-1930). Minas Gerais: CEFET-MG, 2009. Disponível em <https://docplayer.com.br/40891875-De-meninas-fiandeiras-a-mulheres-operarias-a-insercao-da-mao-de-obra-feminina-na-companhia-de-fiacao-e-tecidos-cedro-e-cachoeira.html> . Acesso em 04/10/2022.

MELLÃO, Renata; IMBROISI, Renato. Que Chita Bacana. São Paulo: A Casa, 2005.

MIRAÇÃO FILMES PRODUTORA. História da moda no brasil - parte 1. 08/07/2010. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cFTW3bGuu8I> . Acesso em 08/08/2022.

O'HARA, Georgina. Enciclopédia da Moda. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

PEZZOLO, Dinah Bueno. Tecidos: histórias, tramas, tipos e usos. São Paulo: Editora Senac, 2017.

ROMANATO, Daniella. Office Acadêmico: Manual para edição de trabalhos acadêmicos utilizando o programa Microsoft Word. Campinas: Incentivar, 2010.

SAD, Patrícia Nayara Nascimento. A chita e a moda brasileira na contemporaneidade. Minas Gerais: Universidade Federal de Juiz De Fora, 2018. Disponível em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/12203/2/patricianayaranascimentosad.pdf> . Acesso em 10/10/2022.

SILVA, Emanuela Francisca Ferreira. Estampa chita: ícone de brasilidade em cores e formas. Revista Transverso, v. II, p. 64-79, 2011. Disponível em <https://revista.uemg.br/index.php/transverso/article/download/5399/3238/18327> . Acesso em 03/07/2022.

SIMILI, Ivana Guilherme; BARBEIRO, Priscila. Flores, cores e formas: o Brasil estampado de chita. VISUALIDADES, Goiânia v.14 n.2 p. 106-139, jul-dez 2016. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/39636> . Acesso em 03/07/2022.

SIMILI, Ivana Guilherme; PINGUELLO Morgado, Débora. Tecidos, linhas e agulhas: uma narrativa para Zuzu Angel. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, vol. 7, núm. 15, maio-agosto, pp. 177-201, 2015. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/3381/338142233007.pdf> . Acesso em 03/07/2022.

UNIVERSO DA MODA. A história de Clodovil e Zuzu Angel. 23/09/2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dcDwdfwXXt8> . Acesso em 08/08/2022.